

VISÃO DO CORREIO

A urgência de repensar os espaços urbanos

A crise climática deixou de ser uma ameaça projetada para um horizonte distante e se tornou realidade cotidiana. Entre os episódios de calor extremo que colocam sob estresse vários sistemas pelo planeta — como a recente onda que atinge a Europa e matou ao menos 4,7 mil pessoas — e as tempestades que paralisam comunidades e destroem infraestruturas, o mundo enfrenta um dilema urgente: adaptar os pilares das cidades, estabelecidos em concreto e, muitas vezes, sem expansão planejada. No Brasil, historicamente marcado por diversos problemas urbanos, essa demanda é complexa.

O Plano Clima, do governo federal, representa um passo institucional necessário, uma vez que estabelece a meta de que 35% dos municípios brasileiros possuam estratégias de adaptação até 2035. Mas os números revelam uma distância entre o planejamento burocrático e o dia a dia pelo país: apenas 13% das cidades têm planos publicados, de acordo com informações analisadas pela Transparência Internacional Brasil. Os dados apontam o tamanho do abismo do ponto de vista da gestão e também indicam a baixa participação social nesses processos, o que transforma decisões cruciais sobre o território em atos de gabinete, distantes da percepção de quem enfrenta a vulnerabilidade na pele.

O debate que o país precisa encarar ultrapassa as medidas institucionais e exige uma mudança de paradigma. Durante décadas, a resposta a eventos como enchentes foi baseada no cinza, investindo em canalização de rios, impermeabilização do solo e criação de obras de drenagem que, hoje, provam ser insuficientes diante da intensidade dos registros pluviométricos. A série de eventos que deixam rastros traumáticos mostram que é preciso transitar, com urgência, para soluções que não anulem a imposição da natureza. Um planejamento urbano que respeite as áreas verdes e as bacias

hidrográficas, por exemplo, deve deixar de ser apenas experimentos isolados para se tornar diretrizes obrigatórias no modo de pensar a vida nos municípios brasileiros.

Além dos desafios da infraestrutura, a adaptação climática é, especialmente, uma questão de justiça social. As populações mais pobres são as que mais sofrem com o déficit de saneamento e a precariedade da moradia em áreas de risco. Pensar em cidades resilientes sem integrar a habitação digna e a inclusão na equação é ignorar a raiz do problema. A resiliência urbana não se constrói apenas com concreto e contenção, mas com o fortalecimento das comunidades e políticas públicas que garantam o direito à cidade segura.

Nesse cenário desafiador, conhecimento técnico, acadêmico e diretrizes estão presentes nas discussões nacionais. Porém, o que ainda falta é a tradução desses compromissos em orçamentos e, sobretudo, em vontade política. Os administradores públicos não podem mais postergar as ações voltadas para a emergência climática, mesmo que os “resultados” não sejam percebidos durante seus mandatos. Inação e soluções rasas custam vidas, sacrificam a população e comprometem o desenvolvimento econômico do país.

É imperativo que especialistas, pesquisadores, movimentos sociais e cidadãos se envolvam conjuntamente e assumam o protagonismo na cobrança e na fiscalização de alternativas duradouras. A adaptação climática é uma pauta de sobrevivência. A nação não pode mais permitir que o planejamento urbano continue a reproduzir erros do passado, que provocaram traumas e perdas irreversíveis. O futuro das cidades brasileiras depende de quão prioritário é esse tema para o país. O potencial único e a capacidade de adaptação são trunfos que o Brasil tem de aplicar urgentemente na busca por espaços urbanos que suportem a nova condição do clima.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Seleção presa ao passado

Difícil — superdifícil — conter um verdadeiro “alienígena” infernizando a defesa brasileira a cada lance. O futebol, vez ou outra, nos apresenta paradoxos raros, e Erling Haaland é um deles: um jogador extremamente alto que se move com velocidade desconcertante, não apenas física, mas, sobretudo, mental. Ele não procura a bola; procura o espaço — e, no caminho, atropela qualquer adversário que ouse contestá-lo. O que mais assusta não é apenas a força ou a explosão, mas a rapidez de raciocínio, talvez a mais letal das qualidades no futebol moderno. Enquanto muitos ainda pensam a jogada, ele já a executou. É o tipo de vantagem que não se neutraliza com bravura ou tradição. E é aí que mora o desconforto maior. O brasileiro, por si só, já é um povo acostumado a sofrer. No futebol, contudo, sempre encontrou um refúgio emocional, uma espécie de compensação coletiva: a vitória. Quando até isso se torna raro, a frustração ganha contornos mais profundos. A verdade incômoda é que o futebol brasileiro cresce menos do que a média mundial. Enquanto outras escolas evoluem em intensidade, organização e leitura de jogo, seguimos presos a uma nostalgia que já não assusta ninguém. Em comparação com o futebol europeu, a discrepância é evidente — e os números não mentem: desde 2002, o Brasil amarga um jejum de vitórias contra seleções da Europa em jogos eliminatórios (mata-mata). Não se trata de um acidente de percurso, mas de um sintoma. O “extraterrestre” em campo apenas escancara o que insistimos em ignorar fora dele: o mundo avançou, e o nosso futebol ficou olhando para o passado, esperando que a camisa, sozinha, ainda resolva.

» **Carlos Augusto Sampaio Machado**
Teresina (PI)

Legado de Cabo Verde

O coração de Ana Dubeux respira emoção. Jornalista com gestos grandiosos que alimentam a alma de vibração e ternura. No artigo de 5 de julho no **Correio Braziliense**, Dubeux exalta o bem que a seleção de Cabo Verde fez aos corações dos torcedores do mundo inteiro. Comandado pelo incrível goleiro Vozinha, o time de Cabo Verde plantou raça, determinação e respeito na Copa. Como definiu Dubeux, “cansados, mas muito gratos por tudo o que fizeram. Não foram vencedores, mas não foram rendidos”.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Cuidado, Argentina

A seleção da Argentina, que, merecidamente, chegou a esta Copa do Mundo como uma das favoritas e está sendo favorecida pela tabela de jogos contra adversários fracos, ao subestimar o adversário de sexta, quase se despediu prematuramente da competição. Somente na prorrogação e a duras penas saiu vitoriosa por 3 x 2 contra o time sensação desta Copa, o de Cabo Verde. Se continuar jogando de salto alto, pode ser superada até pelo próximo e fraco adversário, o Egito. Diferentemente das outras ditas favoritas, Espanha e França, que, sem subestimar seus adversários, jogam os 90 minutos em busca frenética de gols.

» **Paulo Panossian**
São Carlos (SP)

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opinioao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Certifico o óbito da Seleção Brasileira na tarde de 5 de julho de 2026, em Nova York, nos Estados Unidos. A causa mortis foi constatada: futebol norueguês, em consequência de mais uma derrota vexatória. Como bens a inventariar, a vítima deixa cinco Copas do Mundo. Foi declarante: o povo brasileiro.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Parabéns para quem acreditou que, com um técnico italiano, a Seleção traria o título. Este ano antecipou a saída de Ancelotti. O bom que com o “rei” em campo.

Joyce Keller Rocha — Cuiabá (MT)

Seleção sem alma: lenta, apática e sem perspectiva!

Jefferson Palmeira — Brasília

Copa do Mundo: além de ser enganado na política, o brasileiro é enganado no futebol...Se mudam time, técnico, não dá certo, que tal mudarmos a administração do nosso futebol?

Marcos Paulino — Vicente Pires

A derrota sempre é ruim, mas passa. Segue a vida, e segue o povo brasileiro. De qualquer jeito, somos hexa. De agora em diante, seguimos com as eleições e precisamos ter consciência.

Aurisley Lucinda — Senador Canedo (GO)

Tragédia venezuelana

A tragédia recentemente ocorrida na Venezuela — marcada por desmoronamentos de prédios comerciais e residenciais, como consequência de tremores de terra ocorridos em diversas localidades do país, vitimando cerca de 50 mil indivíduos desaparecidos até o presente, segundo estimativa do chefe de ajuda humanitária da ONU (Tom Fletcher), somado a milhares de fatalidades e feridos — poderia ter sido evitada caso a furiosa gana capitalista pelos petrodólares fosse desacelerada. A justificativa, nesse caso, não é geográfica, nem biológica, porém física! Afinal, à medida em que o combustível fóssil é explorado, acaso existiria algum líquido de mesma densidade preenchendo o espaço por aquele líquido viscoso outrora ocupado? Estendo minha solidariedade a nossos hermanos venezuelanos.

» **NetoKobra**
Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.			
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br